

A construção das relações sociais no romance São Bernardo

Crisandeson Silva Miranda

“Creio que nem sempre fui egoísta e brutal. A profissão é que me deu qualidades tão ruins”. Paulo Honório (personagem de São Bernardo, p. 190)

Resumo: O presente artigo analisa a construção das relações sociais no romance do escritor alagoano Graciliano Ramos: São Bernardo. Apresenta aspectos teóricos que envolvem os campos de conhecimento da teoria literária, colocando em relevo a pertinência e a importância de refletir temas como o realismo e as relações de classe na sociedade capitalista. Mostra como se dão as relações sociais do protagonista de São Bernardo com as outras personagens do romance, tendo como pano de fundo, conceitos relacionados à estética marxista que é o principal escopo deste trabalho.

Palavras chaves: Romance, sociedade capitalista, exploração humana.

Abstract: This article examines the social relation structure within the novel written by Graciliano Ramos: São Bernardo. It presents theoretical aspects that includes fields of knowledge of literary theory, highlighting the importance of reflecting themes such as realism and class relations that occur in a capitalist society. To show the relationship between the protagonist the other characters of the novel and having as background, concepts related to the Marxist aesthetic as the main purpose of this work.

Keywords: Romance, capitalist society, human exploitation.

1- INTRODUÇÃO

O presente artigo propõe estudar a construção das relações sociais no romance de Graciliano Ramos, produzido na década de 30 e que se destaca pela ênfase política, revalorização do realismo e o aprofundamento da temática social.

O romance São Bernardo surgiu num período, profundamente, importante para a prosa de ficção brasileira. A narrativa de Graciliano Ramos empenha-se em representar as injustiças sociais e a exploração do homem pelo homem. Nesse romance, ele denuncia a inumanidade presente na sociedade capitalista. O romancista alagoano escreve como um autêntico artista, triunfando sobre os seus preconceitos. A respeito do verdadeiro escritor, Lukács (2010) relata que esse artista deve ser um rival instintivo da deformação do princípio humanista, independentemente do nível de consciência que tenha de todo o processo. O objetivo, neste estudo, é refletir sobre o método realista, o gênero romance e a construção das relações sociais no romance alagoano de ênfase social, inserido no contexto feroz do capitalismo do século XX.

MATERIAL E MÉTODO

A produção dessa pesquisa teve como objetivo o trabalho final da conclusão de uma disciplina (Estética Marxista) do curso de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília. A pesquisa foi realizada no segundo semestre do ano de 2017 e

apresentada para os discentes que estavam matriculados no curso de mestrado e doutorado em Literatura dessa instituição. O texto foi avaliado com a nota SS, ou seja, a melhor pontuação da instituição.

Para realização da coleta de dados, as principais técnicas utilizadas foram: leitura dos textos, produção de resumo, resenha e fichamento, orientação do docente, troca e construção de informação coletiva. Os materiais necessários foram artigos científicos, ensaios, capítulos livros, obras relacionadas à teoria literária e o romance objeto de pesquisa: São Bernardo.

O método empregado foi a Revisão da Literatura, reunindo informações existentes sobre os conceitos e os temas abordados em uma revisão sistemática, respeitando um conjunto de passos e orientações docente. Para isso, foi necessário pesquisar obras de estudiosos como György Lukács, Miguel Vedda, Ian Watt, Edvaldo Bergamo, Walter Benjamin, Denis Benoit, Mikhail Bakhtin, Fredric Jameson, Luis Bueno e outros.

DISCUSSÃO:

1- O Romance, o Realismo e o Romance Social

György Lukács, no livro, *Arte e Sociedade: Escritos Estéticos 1932–1962*, (2009) dedica o capítulo intitulado “O Romance Como Epopeia Burguesa” para discorrer sobre a origem e o desenvolvimento do gênero romance:

O romance literário é o gênero literário mais típico da sociedade burguesa. Embora nas literaturas do Oriente antigo, da Antiguidade e da Idade Média existam obras sob muitos aspectos afins ao romance, os traços típicos do romance aparecem somente depois que ele se tornou a forma de expressão da sociedade burguesa.

[...]

Uma literatura abundante sobre a teoria do romance veio à luz somente na segunda metade do século XIX. Foi nesta época que o romance confirmou definitivamente sua predominância como forma de expressão típica da consciência burguesa na literatura (pp. 193/ 194).

Sobre esse assunto, Bakhtin (1990) revela que o romance foi formado no processo de extermínio da distância épica, no processo de familiarização cômica do mundo e do ser humano, no abaixamento do objeto da expressão artística ao nível de uma realidade cotidiana e atual. Já Benjamin (1994) escreve que a origem do romance é o homem isolado que não pode mais expressar suas preocupações e, conseqüentemente, não sabe nem receber nem dar conselhos. Para ele, criar um romance significa ler o incomensurável, sendo esse gênero o anunciador da profunda complexidade de quem vive.

Segundo Ian Watt (1990), no final do século XVIII, a linha que separa a epopeia e o romance foi firmada com o aparecimento do “realismo formal”. A narração de aventuras descomuns foi sendo substituída pelo relato de ocorrências compatíveis com uma nova visão de mundo. O romance passa a enfatizar a vida social e individual inserida em circunstâncias cotidianas. Para o pesquisador inglês:

O romance constitui um relato completo e autêntico da experiência humana e, portanto tem a obrigação de fornecer ao leitor detalhes da história como a individualidade dos agentes envolvidos, os particulares das épocas e locais de suas ações – detalhes que são apresentados através de um emprego da linguagem muito mais referencial do que é comum em outras formas literárias (p. 31).

Antes de falar no método realista no romance, é necessário lembrar que esse método, tem como principal objetivo a representação artística do real, procura captar em profundidade, as contradições, as transformações ocorridas e seus reflexos na vida humana. Um dos seus focos é a reconstrução do quadro social e das contingências econômicas e históricas.

No século XIX, o método realista desempenhou, na forma romanesca, uma função crítica reveladora das mazelas da sociedade burguesa oitocentista. Já no século XX, esse gênero literário tornou-se um instrumento ideologicamente mais preparado para desmascarar as diversas formas de alienação humana oriundas do capitalismo. Nesse contexto, o romance se recusa a ser apenas um espelho do modo burguês da vida, pois a estética realista rejeita a representação fotográfica do real preocupada em retratar apenas a superfície imediatamente perceptível do mundo exterior. Miguel Vedda assinala no texto *Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética de Lukács* que:

a literatura e a arte não têm a obrigação de reproduzir imediata, “fotograficamente”, um referente externo; a arte precisa renunciar a qualquer imitação imediata e conformar um modo próprio, autônomo e divergente do empírico. Em outras palavras, na práxis estética manifesta-se tanto a elaboração de materiais extraídos – inevitavelmente – do mundo objetivo, quanto à constituição de uma obra que obedece a uma legalidade própria.

O romancista realista, geralmente, é um autêntico portador de uma intensa ação crítica contra o meio social, ao expor a essência daquilo que está escondido por detrás de uma conjuntura histórica opressora. O artista consciente afasta do seu objeto artístico o imediatismo da realidade empírica e do proselitismo político reducionista.

A relação entre romance e realidade (abarcando as implicações socioculturais que essas conexões sugerem) privilegia o processo de representação e induzem o aparecimento de questões ligadas ao comprometimento político. Nesse sentido, Lukács (1968) ressalta que:

Nossas considerações sobre o necessário partidarismo da obra o princípio, daí resultante segundo o qual a essência do partidarismo é uma tomada de posição concreta, em face do conteúdo, com relação a concretas questões da vida que sejam importantes do ponto de vista do conteúdo, servem agora para definir a verdadeira originalidade das obras; as obras originais são aquelas nas quais aparecem tomadas de posição justa, conteudisticamente, em face dos grandes problemas da época, em face do novo que neles se manifesta, e que são representadas mediante uma forma correspondente a este conteúdo ideal, capaz de expressá-lo adequadamente (p. 216).

Foi a partir do século passado, que o romance político, estimulado pelo romance socialista, atingiu seu auge. Segundo Benoit Denis (2002), o engajamento literário se deve aos seguintes fatores: a reivindicação da autonomia do campo literário ocorrida em meados do século XIX, o surgimento do intelectual com um novo papel social e a grande politização da Literatura estimulada com o advento da Revolução Russa.

Sobre o escritor, o leitor e o engajamento literário, é importante ressaltar as contribuições de Benjamin Abdala Junior (1989) lembrada por Bergamo (2008) no seu livro *Ficção e convicção Jorge Amado e o neo realismo literário português*:

O engajamento literário leva o escritor à explicitação, criando formas do imaginário de ênfase política. Para ele, a literatura discute questões

fundamentais do ser e da vida político-social e procura desenvolver estratégias discursivas tendo em vista romper com a alienação do cotidiano que na sociedade massificante, leva a minimização da própria significação. Mais do que a denúncia social, o engajamento literário solicita uma atitude reflexiva do leitor, quando suas expectativas interagem com novas estruturas articulatórias. Estas, no contexto dos países de língua oficial portuguesa podem criar “estranhamento”, por redimensionar essas expectativas, seja pela elevação artística daquilo que é estigmatizado como carência histórica, seja pelo trabalho artístico do escritor. Este, como um alquimista, ao engajar-se por dentro das palavras, desenvolve estratégias para transformar o convencional em articulação inconformista, nas perspectivas das inter-ações dialéticas entre os níveis de consciência “real” e de consciência “possível” dos atores envolvidos na comunicação (p. 55).

Tendo como base esse aparato teórico, analisar-se-á o romance São Bernardo de autoria de Graciliano Ramos sobre a óptica da Literatura realista. Nessa obra, o escritor retrata sobre o coronelismo, tendo com cenário o Nordeste brasileiro, pelo ponto de vista do proprietário/ explorador. Nesse texto, o narrador em primeira pessoa revela as contradições das relações sociais e, conseqüentemente, a exploração do homem pelo homem (do empregado pelo empregador).

2- As relações sociais na sociedade capitalista

Um dos objetivos deste trabalho é focalizar as relações sociais construídas entre o protagonista do romance São Bernardo e as demais personagens da história, que gradativamente, assumem uma visão desumana, animalesca e até coisificada para com o outro.

É importante refletir sobre o que rege as relações humanas no contexto da sociedade burguesa. Segundo Lukács (2010):

Marx demonstra que, no capitalismo, todas as categorias do ser econômico aparecem necessariamente numa forma reificada; e, por causa dessa forma reificada, ocultam a sua verdadeira essência, ou seja, a de relação entre os homens. Nessa inversão das categorias fundamentais do ser humano reside a fetichização inevitável que ocorre na sociedade capitalista. Na consciência humana, o mundo aparece completamente diverso daquilo que na realidade ele é: aparece deformado em sua própria estrutura, separado de suas efetivas conexões. Torna-se necessário um peculiar trabalho mental para que o homem do capitalismo penetre nesta fetichização e descubra, por trás das categorias reificadas (mercadoria, dinheiro, preço etc.) que determinam a vida cotidiana dos homens, a sua verdadeira essência, isto é, a de relações sociais entre os homens (grifos do autor p. 19).

Nesse sentido, a obra de Graciliano Ramos reproduz caracteres típicos em circunstâncias típicas. Em São Bernardo, aparecem os traços salientes da unidade dinâmica na qual a arte reflete a vida; no relacionamento entre as personagens surgem as mais importantes contradições sociais, morais, psicológicas de uma época e se articulam em uma unidade viva. Esse romance desmascara a exploração do homem pelo homem na construção de suas relações sociais; revela a sociedade capitalista, construída com base em valores quantitativos e que rejeita e menospreza os indivíduos menos providos das categorias reificadas.

3- Graciliano Ramos e o seu Romance São Bernardo

O alagoano Graciliano Ramos foi um dos mais importantes escritores brasileiros e também é citado por muitos como o prosador de mais destaque da segunda fase do Modernismo Brasileiro. Nos seus textos, ele abordava os problemas sociais do Nordeste brasileiro sob um ponto de vista crítico das relações humanas na sociedade capitalista. O grande escritor Modernista fez sua estreia na literatura em 1933 com o romance *Caetés*, logo em seguida publicou *São Bernardo*. Graciliano Ramos trabalhou como revisor de texto em jornais, além disso, foi prefeito, diretor da Imprensa Oficial e da Instrução Pública do Estado de Alagoas, Inspetor Federal de Ensino. Chegou a ser preso no ano de 1936 sendo acusado de participação no movimento de esquerda. Durante a prisão, escreveu o livro *Memórias do Cárcere* (1937). Já em liberdade, escreveu *Vidas Secas* (1938) que é considerado o seu romance mais importante. Em 1945 ingressou no Partido Comunista Brasileiro. O romancista nordestino morreu no ano de 1953. Sua obra foi traduzida para diversas línguas e alguns de seus romances foram adaptados para o cinema.

A obra de Graciliano Ramos surgiu num momento bastante significativo para a prosa de ficção brasileira: a década de 1930, que se caracterizou pela conciliação das conquistas formais modernistas com o clímax das reivindicações políticas predominantes no período. Sensível a essa perspectiva, o romance de Graciliano Ramos empenha-se em representar e denunciar as explorações humanas e as injustiças sociais reveladas por uma geração de escritores, da qual faz parte o romancista alagoano.

O contexto histórico e estético da década de 30 e a orientação política de esquerda aproximaram diversos romancistas brasileiros a Graciliano Ramos como Jorge Amado, Amando Fontes, Érico Veríssimo, José Lins do Rego e Rachel de Queiroz. Sobre esse período e esses escritores, Bergamo (2008) ressalta que:

Não é de se estranhar que, num período de grande agitação ideológica, homens de letras expressam suas convicções, conciliando militância política e literatura de ênfase social, como bem demonstra a produção empenhada do período, representativa de um projeto literário coletivo que congregava com a geração que produziu o romance social brasileiro de 30 (p. 70).

Sobre esse movimento que tem Graciliano Ramos como um dos principais representantes, Antônio Cândido (1992) assinala que:

Surgiu e se e colocou, pela primeira vez na literatura nacional, como um movimento de integração, ao patrimônio da nossa cultura, da sensibilidade e da existência do povo, não mais tomado como objeto de contemplação estética, mas da realidade rica e viva, criadora de poesia e de ação, a reclamar o seu lugar na nacionalidade e na arte, que, neste momento, tocava o ponto vivo da sua missão no Brasil. Há sempre para ela um papel a desempenhar, e feliz quando consegue fazê-lo. Estava procedendo à descoberta e conseqüente valorização do povo; ligando-o, portanto, ao nosso patrimônio estético e ético, num magnífico trabalho de preparo ao aspecto político da questão, porque ainda esperamos. E estava, ao mesmo tempo, garantindo à literatura brasileira sua sobrevivência como fenômeno cultural, porque lhe mostrava o caminho e o trabalho bem realizado (pp. 46/47).

E é com essa realidade rica e viva, criadora de poesia e de ação, a reclamar seu lugar na nacionalidade e na arte, que Graciliano Ramos escreve o seu livro *São Bernardo*.

O romance narrado em primeira pessoa relata a história de Paulo Honório que teve uma infância pobre e cresceu no Agreste, meio rural do Nordeste, puxando enxada até os dezoito anos de idade. Cometeu um crime e, após “três anos, nove meses e quinze dias” saiu da prisão — nesse período foi alfabetizado por um sapateiro que utilizava uma bíblia dos protestantes — recebeu um empréstimo, que seria o impulso inicial para sua ascensão econômica. Paulo sai comercializando pelo Sertão, fazendo negócios.

Ao conquistar um valor que julgava suficiente para viver confortavelmente, retornou à sua cidade natal — Viçosa, Alagoas — onde investiu na sua grande aspiração: a de adquirir as terras de São Bernardo. Converteu a fazenda num local de exploração agrária. Ao atingir o patamar mais alto, quando estava no ápice do poder político-econômico, resolveu ter um filho e, por esse motivo, casou-se com Madalena (casamento do qual resultou o filho único - a distância de Paulo Honório com o filho é tamanha, pois nem o nome do primogênito nos é revelado). Após alguns anos de muita desavença e ciúmes, Madalena não resistiu às inúmeras brigas com o esposo e à sua vida infeliz. Madalena passou por uma profunda depressão, chegando a cometer suicídio. Nosso protagonista se desesperou e perdeu o gosto pelo trabalho. Coincidentemente, nesse período uma revolução abalou as bases do seu poder. Os amigos o desampararam e, com alguns anos de tamanha solidão, ele decidiu escrever as suas memórias, contando todos os momentos de sua vida, e revelando isso à sua maneira de agir.

4- Paulo Honório e as suas relações sociais no romance São Bernardo

O romance tem início com a declaração do protagonista em escrever um livro. Paulo Honório já com 50 anos de idade, resolve narrar os fatos da sua vida. Para isso, imagina construí-lo pela divisão do trabalho. Convida alguns amigos: Padre Silvestre fica com a parte moral e as citações latinas; João Nogueira é responsável pela parte gramatical; a Arquimedes é prometida a composição tipográfica; Lúcio Gomes de Azevedo Gondim é responsável pela composição literária e Paulo Honório traça o plano, introduz na história rudimentos agrícolas e pecuários e põe seu nome na capa.

A dificuldade de diálogo do nosso protagonista já transparece, ao leitor, no primeiro capítulo:

Estive uma semana bastante animado, em conferências com os principais colaboradores, e já via os volumes expostos, um milho vendido [...] Mas o otimismo levou água na fervura, compreendi que não nos entendíamos (p. 5).

[...]

Afinal foi bom privar-me da cooperação de padre Silveira, de João Nogueira e do Gondim. Há fatos que eu não revelaria, cara a cara, a ninguém. Vou narrá-los porque a obra será publicada com pseudônimo. E se souberem que o autor sou eu, naturalmente me chamarão potoqueiro (p. 8).

Expondo a dificuldade de trabalhar em grupo e de se expor verdadeiramente, Paulo Honório descarta a contribuição dos outros participantes e resolve iniciar a empreitada de escrever suas memórias sem a ajuda de terceiros.

Começando a narração pela infância, Paulo Honório não tem nenhuma informação sobre seus pais, segundo ele, sua certidão não menciona os nomes dos seus progenitores. No fragmento a seguir, o protagonista revela desconhecimento total de sua ascendência e um breve e resumido comentário relacionado à sua infância:

Sou, pois, o iniciador de uma família, o que se por um lado me causa alguma decepção, por outro lado me livra da maçada de suportar parentes pobres, indivíduos que de ordinários escorregam com uma sem-vergonheza da peste na intimidade dos que vão trepando.

Se tentasse contar-lhes minha meninice, precisava mentir. Julgo que rolei por aí à toa. Lembro-me de um cego que me puxava as orelhas e da velha Margarida, que vendia doces. O cego desapareceu. A Velha Margarida mora aqui em São Bernardo, numa casinha limpa, e ninguém a incomoda. Custa-me dez mil réis por semana, quantia suficiente para compensar o bocado que me deu. Tem um século, e qualquer dia deste compro-lhe mortalha e mando enterrá-la perto do altar-mor da capela (p.11).

Nota-se que a menção que Paulo Honório faz a Margarida, a pessoa que o ajudou quando criança é resumida, levando em consideração não o que ela representa afetivamente para ele, mas sim, o quanto lhe custa por semana, revelando nessa passagem as relações de troca de favores, bem comuns nas sociedades capitalistas, ou seja, ele apenas está pagando o favor feito por ela no passado.

Mais à frente, o narrador relata um episódio que lhe custou três anos, nove meses e quinze dias na cadeia. Nessa passagem, demonstra incapacidade social de lidar com as frustrações da vida e sua maneira violenta e impulsiva de resolver os conflitos cotidianos:

Aí pratiquei o meu primeiro ato digno de referência. Numa sentinela, que acabou em furdunço, abreequei a Germana, cabritinha sarará danadamente assanhada, e arrochei-lhe um beliscão retorcido na poupa da bunda. Ela ficou se mijando de gosto. Depois botou os quartos de banda e enxeriu-se com o João Fagundes, um que mudou o nome para furtar cavalos. O resultado foi eu arrumar uns cocorotes na Germana e esfaquear João Fagundes (pp. 11/12).

Essa característica violenta de resolver as adversidades é algo que acompanha Paulo Honório no decorrer de toda a narrativa, como por exemplo, podemos constatar a seguir, quando ele necessita usar da agressão física para receber o pagamento de um dos seus devedores:

O dr. Sampaio comprou-me uma boiada, e na hora da onça beber água deu-me com o cotovelo, ficou palitando os dentes. [...] Não desanimei: escolhi uns rapazes em Cancalancó e quando o doutor ia para a fazenda caí-lhe em cima, de supetão. Amarrei-o, meti-me com ele na capoeira, estraguei-lhe os couros nos espinhos dos mandacarus, quipás alastrados e rabos-de-rapousa (p. 13).

Outra característica de enxergar o outro, bem presente no perfil do protagonista, é destituindo o próximo das suas características humanas e atribuindo-lhes adjetivos animais. Uma das passagens em que isso fica evidente é quando descreve Casimiro Lopes, ele ressalta gostar do negro, pois é “corajoso, laça, rasteja, tem faro de cão e fidelidade de cão”.

Para conquistar seu grande objetivo de vida, que era a fazenda São Bernardo, Paulo Honório usa da agiotagem para endividar Padilha e no momento que julga oportuno, adquire a fazenda por um preço irrisório e sem demonstração de remorsos para com o proprietário que vivia uma situação econômica muito delicada naquele momento:

Para evitar arrependimento, levei Padilha para a cidade, vigiei-o durante a noite. No outro dia cedo, ele meteu o rabo na ratoeira e assinou a escritura.

Deduzi a dívida, os juros, o preço da casa e entreguei-lhe sete contos quinhentos e cinquenta mil reis. Não tive remorsos nenhum (p.24).

É importante salientar que após a compra da fazenda, Paulo Honório continuou mantendo relações com o Padilha, que futuramente chegou a trabalhar como professor, na escola em que o narrador construiu São Bernardo. Porém, o protagonista deixa claro que sentia prazer em humilhá-lo mostrando os melhoramentos que havia introduzido na propriedade. Esse tipo de situação, também, é bem comum na sociedade capitalista, cuja propriedade é mais importante que a relação entre os homens.

Já empossado da fazenda, Paulo Honório necessita resolver questões relacionadas aos limites de terras com o vizinho Mendonça. Nesse momento, o protagonista com a ajuda de Casimiro Lopes recorre ao crime de homicídio para afastar mais um que pudesse atrapalhar os seus planos:

[...] Domingo à tarde, de volta da eleição Mendonça recebeu um tiro na costela mindinha e bateu as botas ali mesmo na estrada, perto de Bom Sucesso. No lugar há hoje uma cruz com um braço a menos (p. 33).

Revelando-se um homem capaz de tudo para crescer economicamente, Paulo Honório avançou as terras de São Bernardo após o assassinato do Mendonça. Invadiu também as terras do Fidélis, paralítico e a dos Gama, sempre demonstrando que a propriedade, o lucro e tudo que estivesse relacionado a ganhar dinheiro são mais importantes que o outro.

No momento em que algo de puramente humano parece surgir no protagonista, somos surpreendidos por um tipo de interesse, como pode ser visto no início da sua relação com o velho Ribeiro.

Por esse tempo encontrei em Maceió, chupando uma barata na Gazeta do Brito, um velho alto, magro, curvado, amarelo, de suíças, chamado Ribeiro. Via-se perfeitamente que andava com fome. Simpatizei com ele e, como necessitava um guarda-livros, trouxe-o para São Bernardo (p. 34).

Para o homem com ideais capitalistas, o valor do ser humano é resumido pelo o que tem ou pelo trabalho alienado que pode oferecer.

Sempre usando a violência física para conduzir aos seus interesses, Paulo Honório utiliza esse procedimento para resolver uma desavença com o jornalista Brito, que publicou dois artigos difamando a figura do protagonista, este mais uma vez parte para a maneira mais incivilizada de solucionar as situações que fogem ao seu controle:

Em resposta passei-lhe os gadanhos no cachaço e dei-lhe um bando de chicotadas. Juntaram-se muitas pessoas, um guarda civil apitou, houve protestos, gritos, afinal Costa Brito conseguiu escapulir-se e azulou pelo comércio, em direção aos Marítimos (p. 72).

Como as conquistas relacionadas à fazenda São Bernardo iam do jeito planejado, Paulo Honório com o intuito de preparar um herdeiro para suas terras resolve casar e para isso julgava que não seria necessário amar. Após sondar algumas candidatas, decidiu investir na professora Madalena. Para consolidar seu plano, usou D. Glória, a quem encontrará em uma viagem, para chegar até o seu objetivo. As diferenças ideológicas entre um e outro eram evidentes, porém o fazendeiro conseguiu executar o seu plano de adquirir matrimônio com a professora.

O sistema de exploração de trabalho característico na relação do fazendeiro com seus funcionários vão contra os valores morais da professora. Ela passa a reconhecer no

seu marido um ser humano capaz de explorar o outro sem nenhuma piedade. Na conversa em que os recém-casados têm sobre a família de um funcionário (Caetano) que está enfermo, percebe-se que o humanismo de Madalena entra em choque com a forma capitalista que Paulo Honório enxerga os fatos:

– Outra coisa, continuou Madalena. A família de mestre Caetano está sofrendo privações.

[...]

– Devia ter feito economia. São todos assim, imprevidentes. Uma doença qualquer, e é isto: adiantamentos, remédios. Vai-se o lucro todo.

– Ele já trabalhou demais. E está tão velho.

– Muito, perdeu a força. Põe a alavanca numa pedra pequena e chama os cavouqueiros para deslocá-la. Não vale os seis mil-réis que recebia. Mas não tem dúvida: mande o que for necessário. Mande meia cuia de farinha, mande uns litros de feijão. É dinheiro perdido (p. 96).

Outro momento que merece destaque e que evidencia as diferenças entre Madalena e seu esposo, e também revela a forma desumana que Paulo Honório enxerga seus empregados (“*Essa gente faz o que se manda, mas não vai sem pancada. E Marciano não é propriamente um homem... É um molambo*”) está presente no fragmento no seguir:

[...]

Marciano teve um rompante:

– Ainda agorinha os cochos estavam cheios. Nunca vi gado comer tanto. E ninguém aguenta mais viver nessa terra. Não se descansa.

[...]

– Você está se fazendo de besta, seu corno?

Mandei-lhe o braço ao pé do ouvido e derrubei-o. Levantou-se zozzo, bambeando, recebeu, mais uns cinco trompaços e levou outras tantas quedas. A última deixou-o esperneando na poeira. Enfim ergueu-se e saiu com a cabeça baixa, trocando os passos e limpando com a manga o nariz, que escorria sangue (p. 108).

Após esse episódio o casal tem uma terrível discussão e vários outros episódios deixaram claro as diferenças ideológicas que separavam Madalena de Paulo Honório: a surpresa de Madalena ao saber quanto seu Ribeiro recebia pelo trabalho que fazia, o inconformismo de Paulo Honório em Madalena dá objetos que ele julgava caros aos empregados. O protagonista era avesso a qualquer ideia comunista.

Além das diferenças ideológicas, Paulo Honório começou a alimentar um ciúme doentio pela esposa. Diversos foram os momentos em que evidenciou está desconfiado da infidelidade matrimonial da esposa.

No dia seguinte encontrei Madalena escrevendo. Avizinhei-me nas pontas dos pés e li o endereço de Azevedo Gondim (p. 140).

[...]

Quando as dúvidas se tornavam insuportáveis, vinha-me a necessidade de afirmar, Madalena tinha manha encoberta, indubitavelmente (p. 151).

[...]

Padre Silvestre passou por S. Bernardo – e eu fiquei de orelha em pé, desconfiado. Deus me perdoe, desconfiei. Cavalos amarrados também come (p.152).

As inúmeras brigas, as diferenças ideológicas e o ciúme doentio levaram Madalena a uma profunda depressão e, conseqüentemente, ao suicídio.

Entrei apressado, atravessei o corredor do lado direito e no meu quarto dei com algumas pessoas soltando exclamações. Arredei-as e estaquei: Madalena estava estirada na cama, branca, de olhos virados, espumas nos cantos da boca.

Aproximei-me, tomei-lhe as mãos, duras e frias, toquei-lhe o coração, parado. Parado.

No soalho havia manchas de líquido e cacos de vidro (p. 168).

Após essa tragédia, alguns personagens deixaram S. Bernardo. Dona Gloria foi a primeira, em seguida o seu Ribeiro demitiu-se e, posteriormente, Padilha se incorporou às tropas revolucionárias. Nos anos subsequentes, Paulo Honório se sentia cada vez mais solitário: “Faz dois anos que Madalena morreu, dois anos difíceis. E quando os amigos deixaram de vir discutir política, isto se tornou insuportável”.(PÁGINA)

Outro momento na trama que merece destaque e que demonstra que nem a solidão, nem a construção das suas memórias nem o suicídio de Madalena tornaram Paulo Honório mais humano, é quando, já vivendo as tristezas inerentes à solidão, o narrador compara a bicho as pessoas que trabalhavam com ele:

Bichos. As criaturas que me serviram durante anos eram bichos. Havia bichos domésticos, como o Padilha, bichos do mato, como o Casimiro Lopes, e muitos bichos para o serviço do campo, bois mansos. Os Currais que se escoram uns aos outros, lá embaixo, tinham lâmpadas elétricas. E os bezerrinhos mais taludos soletravam a cartilha e aprendiam de cor os mandamentos da lei de Deus.

Bichos. Alguns mudaram de espécie e estão no exército, volvendo à esquerda, volvendo à direita, fazendo sentinela. Outros buscaram pastos diferentes (p. 185).

É verdade que o suicídio de Madalena e a construção de suas memórias levaram o protagonista a refletir sobre sua incompetência em se relacionar com as pessoas:

O que estou é velho. Cinquenta anos pelo São Pedro. Cinquenta anos perdidos, cinquenta anos gastos sem objetivo, a maltratar-me e a maltratar os outros (p. 184).

[...] Pelo menos naquele tempo não sonhava ser o explorador feroz que me transformei (p.186).

[...]

Hoje não canto nem rio. Se me vejo ao espelho, a dureza da boca e a dureza dos olhos me descontentam (p. 187).

Incompetência essa que se estende sua relação com o seu único filho, Paulo Honório deixa evidente que: “Nem sequer tenho amizade a meu filho. Que miséria!” (PÁGINA)

O protagonista reconhece que estragou sua vida, mas deixa claro sua impossibilidade de ter feito diferente:

[...] Se fosse possível recomeçarmos... Para que enganar-me? Se fosse possível recomeçarmos, aconteceria exatamente o que aconteceu. Não consigo modificar-me, é o que mais me aflige (p. 188).

Essa impossibilidade de transformação do proprietário explorador fica mais evidenciada ainda nas últimas páginas do romance:

A molecureba de mestre Caetano arrasta-se por aí, lambuzada, faminta. A Rosa, com a barriga quebrada de tanto parir, trabalha em casa, trabalha no

campo e trabalha na cama. O marido é cada vez mais molambo. E os moradores que me restam são uns cambebes como ele.

Para ser franco, declaro que esses infelizes não me inspiram simpatia. Lastimo a situação em que se acham, reconheço ter contribuído para isso, mas não vou além. Estamos tão separados! A princípio estávamos juntos, mas esta desgraçada profissão nos distanciou (189/ 190)

A escrita das suas memórias, o suicídio de Madalena e as revoluções que ocorreram no final da trama, certamente levaram o personagem a se reconhecer como um explorador feroz, mas isso não gerou mudanças absolutas.

As experiências testemunhadas e depois lembradas na escrita de suas memórias não o induzem a nenhuma transformação ideológica, Paulo Honório confirma sua visão de explorador e de explorado presentes na sociedade que se divide em classes. Não há transformação positiva, vista por uma óptica política.

O fazendeiro Paulo Honório reconhece-se um homem empreendedor, obstinado, de personalidade forte e dominadora, admite que suas conquistas materiais foram incapazes de trazer a felicidade da maneira que é disseminada no universo capitalista, reflete que nos seus cinquenta anos de vida, nada fez além de se maltratar e de maltratar o outro e admite sua impossibilidade de transformação.

5- CONCLUSÃO

O romance é o gênero literário típico da sociedade burguesa. No decorrer da história romanesca, o conteúdo e a forma passaram por transformações enriquecendo ainda mais esse gênero literário. Infere-se que o romance engajado tem seu ponto culminante no século XX e passa a ser conhecido também como romance político. Esse tipo de texto aborda como pano de fundo o contexto histórico e social.

O romance abordado incorpora diversas características do romance engajado, como por exemplo, a denúncia da exploração do homem pelo próprio homem, característica marcante da sociedade capitalista, a ressignificação dos episódios passados sob a óptica do explorador dentre outros recursos formais e temáticos. Por meio da análise das relações humanas presentes no livro estudado, é possível reavaliar os tempos de outrora e as relações sociais presentes na sociedade capitalista.

No seu romance, Graciliano Ramos faz um peculiar trabalho, mergulha na sociedade capitalista, penetra na fetichização e revela, por trás das categorias reificadas, a sua verdadeira essência, ou seja, as relações sociais entre os homens, a triste exploração que a humanidade pode fazer contra si mesma.

O autor revela que a preocupação com o lucro, com a propriedade e com o dinheiro aliena os indivíduos e os leva à exploração desumana da sua própria espécie. A leitura de São Bernardo apresenta a forma reificada e a fetichização inevitáveis na sociedade capitalista. O romance revela as relações entre o explorador e o explorado refletida na obra de Graciliano Ramos, denunciando uma realidade brasileira e cumprindo uma das principais funções da arte, que é a de humanizar o seu apreciador.

CORPUS DA PESQUISA

RAMOS, Graciliano. São Bernardo. Rio de Janeiro: Record, 1997.

6 BIBLIOGRAFIA GERAL

- BAKHTIN, Mikhail. Epos e romance. In: Questões de Literatura e Estética. Trad. Aurora Fornoni Berardini. São Paulo: Unesp, 1990. p. 397 – 428.
- BENJAMIN, Walter. O Narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: Magia e técnica, arte e política. Trad. Sergio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense. 1996. p. 197 – 221.
- BUENO, Luis. A erupção do outro. In Uma História do Romance de 30. São Paulo: Unicamp, 2006. p. 606 – 618.
- BERGAMO, Edvaldo. Ficção e convicção Jorge Amado e o neo-realismo literário português. São Paulo: UNESP, 2008. (Tese de Doutorado)
- DENIS, Benoit. Literatura e engajamento. Trad. Luiz Roncari. Bauru: Edusc, 2002.
- LUKÁCS, György. “A arte como autoconsciência do desenvolvimento da humanidade”. In: _____. Introdução a uma estética marxista. Sobre a categoria da particularidade. Tradução de Carlos Nelson Coutinho e Leandro Konder. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1978, p.282-298.
- _____. “Introdução aos escritos estéticos de Marx e Engels”. In: _____. Arte e sociedade. Escritos estéticos 1932-1967. Organização, Introdução e Tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 87-120.
- _____. “O romance como epopeia burguesa”. In: _____. Arte e sociedade. Escritos estéticos 1932-1967. Organização, Introdução e Tradução de Carlos Nelson Coutinho e José Paulo Netto. Rio de Janeiro: UFRJ, 2011, p. 193-243.
- VEDDA, Miguel. “Posição teleológica e posição estética: sobre as inter-relações entre trabalho e estética em Lukács”. In: VAISMAN, Ester e VEDDA, Miguel (organizadores). Lukács: estética e ontologia. São Paulo: Alameda, 2014.
- WATT, Ian. A ascensão do Romance. Trad. Hildegard Feist. São Paulo:Cia. Das letras, 1990.